

Só o Brasil salva o Brasil

MÍRIAM LEITÃO

Quem vasculhar a imprensa estrangeira vai encontrar, nas vastas páginas dedicadas ao Brasil, retalhos de otimismo. No "Wall Street Journal", a declaração de um banqueiro dizendo ter falado com dois economistas que acreditam que a estratégia brasileira pode funcionar. No "Financial Times", a idéia de que a desvalorização brasileira pega os *hedge funds* mais fracos e com menos apetite aventureiro.

Mas quase todas as linhas são de um pessimismo tão cortante quanto o frio provocado pela tempestade de neve que desabou sobre Nova York nesta quinta-feira.

Há uma divisão no pessimismo: uma do capital de curto prazo, outra do capital produtivo. A primeira é de que o acordo com o FMI funcionou num aspecto: deu ao mercado tempo para se preparar. Isto confirma uma idéia publicada num artigo do "New York Times", de que o acordo com o fundo foi feito para eles, os americanos. Os bancos já reduziram desde outubro 25% dos seus empréstimos ao Brasil, diminuindo o próprio risco.

Mas o verdadeiro medo se espalha é entre as empresas que nos últimos anos apostaram firmemente no Brasil: as empresas produtivas, Xerox, McDonald's, Coca-Cola, 3M, General Motors, AES, IBM e centenas de outras. Uma grave recessão seria um golpe. O fim da estabilização, um desastre de proporções não calculáveis.

O McDonald's pretende investir meio bilhão de

dólares no Brasil nos próximos anos. A Xerox tira do Brasil seu maior lucro. Este capital produtivo desembarcou com US\$ 25 bilhões no ano passado no país. Tem muito a perder. Para este capital, parceiro do Brasil, o pior cenário é o de que a desvalorização seja o fim do esforço de estabilização brasileiro.

Todas aquelas contas feitas em outubro voltaram ao noticiário e às análises. O Brasil é grande demais para a economia americana. Segundo o "New York Times", temia-se a Rússia pelo poder nuclear e teme-se o Brasil pelo poder econômico. Nossa retrato pintado aqui é de um país no qual o Governo americano e o FMI fizeram uma aposta nova e arriscada: um resgate antes do colapso.

Mas o Brasil não correspondeu, segundo a visão deles. O Congresso Nacional rejeitou medidas importantes e um ex-presidente demonstra não entender a gravidade da situação. Para o FMI, segundo o "Wall Street Journal", o Brasil deu um passo perigoso, com a desvalorização, sem ter aparentemente um plano para os próximos passos.

Ou seja, a culpa é nossa.

De certa forma, o Brasil é culpado. Por várias razões: não conseguiu passar a idéia de que, apesar das hesitações do Congresso, continua sendo capaz de atingir metas fiscais, com outras medidas que preparou. O presidente deu nos últimos tempos sinais de fraqueza, como o de entregar a presidência

da Caixa Econômica Federal a uma escolha política.

O presidente do Banco Central saiu do emprego no meio da noite, no primeiro dia de férias do presidente da República, dizendo discordar das decisões que seriam tomadas a seguir.

A comunicação da mudança do câmbio foi no mínimo exótica. O ministro Pedro Malan, numa entrevista na CNN, explicando o que aconteceria na diagonal da banda larga, provocou um segundo de perplexidade no apresentador. A equipe econômica brasileira usa as palavras, em português ou em inglês, para esconder informações e o ministro da Fazenda jamais foi capaz de entender a importância de, através da mídia, passar recados certos na hora exata.

Temos um ex-presidente que parece não ter aprendido nada sobre interesse nacional com o cargo que ocupou. É capaz de acender fogo perante de um tanque de gasolina e achar que o incêndio não o atinge. A desvalorização aumentou a dívida de Itamar Franco, mas ele ainda acha que o problema é "deles lá".

O caminho ficou mais estreito, as chances mais remotas, mas o Brasil ainda pode sair da crise. Para isto, precisa de mais determinação, constância e coragem no ajuste fiscal. Precisa de uma dose extra de sorte e de um plano para enfrentar as apostas dos

próximos dias por mais desvalorização. Dez em cada dez analistas acham que é uma questão de tempo até nova desvalorização. Nesta hora ajudaria bastante uma nova conversa com o FMI, mas não para pedir mudanças de metas fiscais.

É preciso mudar a estratégia do plano. O programa com o Fundo tem um erro fatal: ele estabelece que US\$ 20 bilhões é o ponto do qual as reservas não podem passar. E não permite que entre nessa conta o dinheiro do socorro internacional. Com isto criou um incentivo para o ataque ao Brasil, que se torna mais forte, quanto mais perto se está da meta. Esta contagem regressiva faz com que o ponto-límite seja antecipado pelo mercado. Este item do acordo virou uma armadilha.

Chico Lopes, única voz da equipe que foi contra a ida ao FMI, pode agora retomar a discussão. Mas nada salva o Brasil a não ser o Brasil. O país tem que escolher a estabilização. E estabilizar custa caro. Nos últimos tempos, muitos duvidaram desta escolha: empresários paulistas, políticos aliados, membros do Governo conspiraram abertamente contra a política econômica sem ter qualquer plano alternativo à não ser a desvalorização da moeda e a redução das dores provocada pelas necessárias transformações pelas quais o país está passando.

Parte do Brasil ainda acredita que é possível estabilizar sem dor. Esse é o nosso ponto fraco. Dividido sobre o seu projeto de nação, o Brasil jamais vai vencer uma crise desta magnitude.

MÍRIAM LEITÃO é colunista do GLOBO.